

# Vitivinicultura, lazer e desenvolvimento regional: o enoturismo no Vale do Rio São Francisco

Viticultura, ocio y desarrollo regional:  
enoturismo en el Valle del Río São Francisco

*Viticulture, leisure and regional development:  
enotourism in the São Francisco River Valley*

## AUTORES

**Filipe de Oliveira Guimaraes\***

[prof.filipeguimaraes@gmail.com](mailto:prof.filipeguimaraes@gmail.com)

**Jadson Luis Rebelo Porto\*\***

[jadsonporto1967@gmail.com](mailto:jadsonporto1967@gmail.com)

**Alex Pizzio\*\*\***

[alexpizzio@gmail.com](mailto:alexpizzio@gmail.com)

\* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, Brasil).

\*\* Doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil).

\*\*\* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, Brasil).

## RESUMO:

O objetivo geral deste artigo consiste em apresentar a importância do enoturismo para o sertão brasileiro, uma atividade resultante das profundas transformações na paisagem do Vale do Rio São Francisco (VRSF) geradas pela vitivinicultura a partir da década de 1960. O *wine tourism* já acontece na região há mais de 20 anos e tem sido uma atividade geradora de emprego, renda, entretenimento e conhecimento em uma região desfavorecida. Partindo do método bibliográfico e exploratório, a pesquisa realiza um levantamento dos pontos positivos e negativos da cadeia que envolve o turismo na região, a partir de dados históricos, geográficos, políticos e do agronegócio da vitivinicultura. O resultado da pesquisa sinaliza o potencial do enoturismo como atividade agregadora no desenvolvimento regional, cumpridora do seu papel social, bem como a necessidade de maior investimento, principalmente em infraestrutura.

## RESUMEN:

El objetivo general de este artículo es presentar la importancia del enoturismo para el interior brasileño, una actividad resultante de las profundas transformaciones en el paisaje del Valle del Río São Francisco (VRSF) generadas por la viticultura desde la década de 1960 en adelante. El *wine tourism* se practica en la región desde hace más de 20 años y ha generado empleo, ingresos, entretenimiento y conocimiento en una región desfavorecida. Con base en el método bibliográfico y exploratorio, la investigación detalla los puntos positivos y negativos de la cadena que involucra al turismo en la región, a partir de datos históricos, geográficos, políticos y agroindustriales vitivinícolas. El resultado de la investigación destaca el potencial del enoturismo como actividad coadyuvante en el desarrollo regional, cumpliendo con su rol social, así como la necesidad de una mayor inversión, especialmente en infraestructura.

## ABSTRACT:

The general objective of this article is to present the importance of wine tourism for the Brazilian hinterland, an activity resulting from the profound transformations in the landscape of the São Francisco River Valley (VRSF) generated by viticulture from the 1960s onwards. Wine tourism has been taking place in the region for over 20 years and has been a generator of employment, income, entertainment and knowledge in a discredited region. Based on the bibliographic and exploratory method, the research conducts a survey of the positive and negative points of the chain that involves tourism in the region, based on historical, geographic, political and wine-growing agribusiness data. The research result indicates the potential of wine tourism as an aggregating activity in regional development, fulfilling its social role, as well as the need for greater investment, especially in infrastructure.

## 1. Introdução

*Comprou uma terra, plantou parreiras, transformou-se em um viticultor.  
O parreiral frutificou belas uvas e percebeu que poderia agregar-lhe o ofício de vinicultor,  
Passou a idealizar, então, mais amplo agronegócio transformando-se em um vitivinicultor.  
Construiu a vinícola, realizou a vindima, desengaço, esmagamento, esperou a fermentação,  
decidiu pela madeira, deixando dormir o precioso na cave, concluindo a vinificação.  
Que surpresa reservará o futuro? Os enoturistas certamente contarão.  
(Poema do Vitivinicultor/F. Guimarães, 2021.)*

O turismo sustentável tem se apresentado como uma atividade indutora do desenvolvimento regional<sup>1</sup>, uma vez que possui a visão de “democratizar-se e humanizar-se, devendo ser acessível a todos, pois deve ser entendida como um direito de todos” (Brasil, 2007, p. 14). Ou seja, a atividade objetiva transformar em turistas aqueles que se encontram impossibilitados por causa das condições socioeconômicas. Porém, não somente isso, também almeja contribuir na elevação do nível cultural, bem-estar social e progresso econômico ao prover conhecimentos, satisfação e renda à comunidade receptora.

Por causa da sua relevância como elemento orientador para o desenvolvimento de um turismo sustentável, o conceito de sustentabilidade deve ser compreendido como um princípio fundamental que deve ser aplicado em distintos campos.

As relações entre turismo e sustentabilidade devem ser abordadas por meio dos princípios que norteiam o entendimento dos seus distintos campos. Para o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, esses princípios são os seguintes: sustentabilidade ambiental; sustentabilidade econômica; sustentabilidade sociocultural; sustentabilidade político-institucional (Brasil, 2007, p. 15).

A atividade enoturística tem se revelado essencial ao desenvolvimento do mercado brasileiro da vitivinicultura e relevante do ponto de vista vitivinicultural<sup>2</sup>. Percebe-se que os turistas, após a experiência enoturística, passam a se interessar em consumir o vinho em maior quantidade e com mais conhecimento.

O enoturismo é uma atividade que dá suporte à vitivinicultura, movimentando todos os equipamentos turísticos da região onde é praticada, ampliando o potencial para a geração de emprego e renda, garantindo o desenvolvimento regional e o dinamismo econômico na região (Torre, Ferreira & López-Guzmán, 2008).

Toda a tradição e o contexto que envolve a produção e o consumo da bebida, transmitida pelos guias durante a atividade enoturística, partindo da explanação do plantio da parreira, contexto histórico, tipos da videira<sup>3</sup>, técnicas de produção, estrutura de produção, até o modo de abrir a garrafa, escolha da taça, degustação e harmonização, têm se mostrado um forte atrativo cultural para os brasileiros, aumentando a procura pelas *enotrips*.

O enoturismo no Vale do Rio São Francisco (VRSF) tem se apresentado como uma alternativa eficaz para o desenvolvimento do turismo na região. Além de, crescentemente, atrair investidores nacionais e internacionais, a região tem despertado a atenção de milhares de turistas, que, anualmente, se direcionam ao VRSF para fruir de uma experiência diferenciada.

### PALAVRAS-CHAVE

Enoturismo;  
vitivinicultura;  
desenvolvimento  
regional.

### PALABRAS CLAVE

Enoturismo;  
vitivinicultura;  
desarrollo  
regional.

### KEYWORDS

Wine tourism,  
vitiviniculture;  
regional  
development.

Recibido:  
14/09/2021

Aceptado:  
28/03/2023

O presente texto, de natureza exploratória, parte da questão orientadora: como o enoturismo tem fomentado o desenvolvimento do VRSF? Tem como objetivo central ampliar a compreensão da dinâmica, ou quadro, do enoturismo no VRSF, a partir principalmente do levantamento histórico e geográfico, bem como de dados oriundos do agronegócio da vitivinicultura. Os métodos basilares da investigação foram a pesquisa bibliográfica e a documental.

Os resultados obtidos indicam o potencial da atividade na interiorização do turismo, porém, apesar do crescimento do enoturismo na região, existe a necessidade de buscar estratégias para atrair turistas de outras regiões brasileiras ou mesmo internacionais, bem como ampliar o investimento em infraestrutura e superar obstáculos relativos à imagem da região.

Contando com esta introdução, o artigo está estruturado em seis seções. Na próxima seção, apresenta-se a metodologia da pesquisa. Na terceira, faz-se um breve histórico da origem do vinho e sua chegada ao Brasil. A quarta, por sua vez, concentra-se em descrever a história da produção do vinho no VRSF. A quinta seção trabalha a atividade enoturística no VRSF. Por fim, são tecidas algumas considerações.

## 2. Metodologia

Na busca de uma compreensão sobre a dinâmica do enoturismo no Vale do Rio São Francisco, seus pontos favoráveis e os entraves que dificultam seu maior desenvolvimento, como metodologia para a construção das análises foram utilizados os métodos bibliográfico, documental e exploratório.

A pesquisa bibliográfica procura auxiliar na compreensão de um problema a partir de referências publicadas. Ela caracteriza-se pela leitura, análise e interpretação de textos publicados em livros e artigos, visando o conhecimento das diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema. Busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema (Cervo & Bervian, 1983, p. 55).

Uma vez que se utiliza de fontes primárias para a construção das análises (estatísticas), a pesquisa também é documental. Segundo Fonseca (2002, p. 32), a pesquisa documental faz uso de dados primários, tais como tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc.

O enoturismo no VRSF ainda é pouco estudado, o que torna a pesquisa exploratória. O método exploratório, por sua vez, tem o interesse em trabalhar os problemas, ou questões, de pesquisa que geralmente são assuntos com pouco ou nenhum estudo anterior a seu respeito, proporcionando ao pesquisador maior familiaridade com a problemática.

O objetivo da pesquisa exploratória é procurar padrões, ideias, hipóteses. A motivação não é testar ou confirmar uma determinada hipótese, e sim realizar descobertas, ajudando na especialização da investigação. Sua metodologia é bastante flexível para analisar diversos aspectos do problema ou situação (Richardson, 1999, p. 29).

## 3. O surgimento do vinho e sua chegada a terras brasileiras: um resumo histórico

Há quem defenda que a presença do vinho é anterior à existência humana na Terra. Os defensores dessa teoria imaginam que o primeiro vinho foi resultante de uma pisada de dinossauro em uma vinha, afundando o terreno e empossando certa quantidade do néctar da fruta, que veio a fermentar: estava criado o vinho! Quem sabe o primeiro vinho tinto, com uvas *Vitis vinifera*.

Cientificamente, as descobertas arqueológicas de sementes de uva e pó de videiras em ânforas datadas de 6 mil anos atrás, encontradas em uma escavação na Geórgia em 2016, país que se encontra ao norte da Turquia, permitem situar a origem do vinho naquele espaço geográfico, reconhecendo-o como o berço da produção de vinho, por volta do ano 8000 a.C, que está associado à sedentarização humana no Neolítico Antigo (McGovern *et al.*, 2017).



Mapa 1. Países banhados pelo Mar Mediterrâneo. Fonte: Google Maps.

Partindo da Geórgia, a viticultura se desenvolveu espalhando-se pelas regiões às margens do Mediterrâneo (vide mapa abaixo), firmando raízes em Canaã (hoje abrange Israel, Cisjordânia e Gaza, Jordânia e o sul da Síria e do Líbano), na Síria e na Fenícia. Sequencialmente, o conhecimento foi transmitido aos egípcios e em seguida aos gregos, grandes responsáveis por popularizar a vitivinicultura por toda a Europa, transformando a Itália, a França, Portugal e Espanha nos países de maior tradição na produção da bebida no Velho Mundo (Johnson, 1989).

Sobre o início da vitivinicultura no Brasil, o solo brasileiro sentiu as raízes da videira no século XVI, precisamente na década de 1530, quando Brás Cubas cultivou a primeira vinha no território onde hoje situa-se o município de Piratininga, no estado de São Paulo. A atividade era voltada a suprir as necessidades dos ritos religiosos jesuítas (Ortega & Jeziorny, 2011).

Mesmo sendo uma atividade praticada originariamente pelos portugueses no período colonial, somente com a chegada dos imigrantes italianos, em 1870, à região da Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul<sup>4</sup>, o plantio de videiras e a produção do vinho ganharam volume no Brasil. Hoje essa região é responsável por 90% dos vinhos<sup>5</sup> produzidos no país, compondo, em 2016, mais de 60% da área vitícola (Farias, 2016).

A partir da década de 1960, a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) introduz a viticultura no Semiárido brasileiro para o consumo *in natura* (Pereira *et al.*, 2019). Na década de 1970, houve uma modernização nas tecnologias de produção, ajudando os produtores brasileiros a criarem um espaço promissor, distinto do *wine bet*<sup>6</sup>, trazendo para o cenário nacional uma nova categoria de vinho produzida na região dos trópicos: o *vinho tropical*, produzido no Vale do Rio São Francisco (VRSF), no sertão do Nordeste brasileiro.

Ainda na década de 1960, entre os anos de 1963 e 1964, foram instaladas duas estações experimentais, nos municípios de Petrolina (Pernambuco) e Juazeiro (Bahia), onde foram implantadas as primeiras videiras, através do Projeto Piloto de Bebedouro e o Perímetro Irrigado de Mandacaru.

A partir dos anos 1970 e 1980, o VRSF começa a produzir vinhos, alguns finos. Na década de 1990 ganha destaque a vitivinicultura tecnificada e a produção de uvas sem sementes, época em que cresce o investimento de grupos empresariais na região. No ano 2000, a produção se fortalece ainda mais com a implantação de outras vinícolas e vitivinícolas, bem como através de ações oriundas de iniciativas públicas, momento em que nasceu o enoturismo na região.

#### 4. O Vale do Rio São Francisco e a produção de vinhos

Com temperaturas médias anuais variando em torno dos 26 °C, a região conhecida como VRSF, ou Vale do Submédio São Francisco, está localizada no sertão do Semiárido do Nordeste brasileiro, pertencente aos estados de Pernambuco e Bahia, entre os paralelos 8S e 9S, com clima tropical semiárido. O território, cortado pelo Velho Chico, nome pelo qual se conhece o Rio São Francisco, possui uma área de 24.385 km<sup>2</sup>,

concentrando ao sul de Pernambuco os municípios de Petrolina, Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista e Orocó, e, ao norte da Bahia, os municípios de Casa Nova, Sobradinho, Juazeiro, Curaçá e uma pequena área de Abaré. Possui altitude média entre 350 metros e 400 metros, caracterizando-se como relevo plano. A precipitação anual média é de 450 milímetros, com umidade relativa média de 50%, tendo em média 300 dias de sol por ano (Pereira *et al.*, 2019)<sup>7</sup>.

Segundo dados do Anuário Vinhos do Brasil (Anuário, 2014), o Brasil possui pouco mais de 1% da superfície plantada no mundo, uma área de 81.600 hectares, com uma produção de 3.364.000 hectolitros (cerca de 1,1% da produção mundial). Em 2018, a área cultivada com videiras no território nacional foi de 75.951 hectares, sendo que 15% dessa área correspondem à região do Vale do São do São Francisco, o que equivale a aproximadamente 11.390 hectares. No que tange à produção de vinho no VRSF, estima-se que alcançou a marca de 10 milhões de litros em 2021.

O VRSF é integrante de uma região com clima destoante do tradicional para a produção vitivinícola, bem próxima à Linha do Equador. Nesse espaço geográfico, a primeira safra pode ocorrer a partir do décimo mês de cultivo (em outros lugares é geralmente no terceiro ano). Essa região se tornou a segunda com a maior produção de uvas e vinhos do Brasil, atrás apenas da Região Sul (Pereira, 2007).

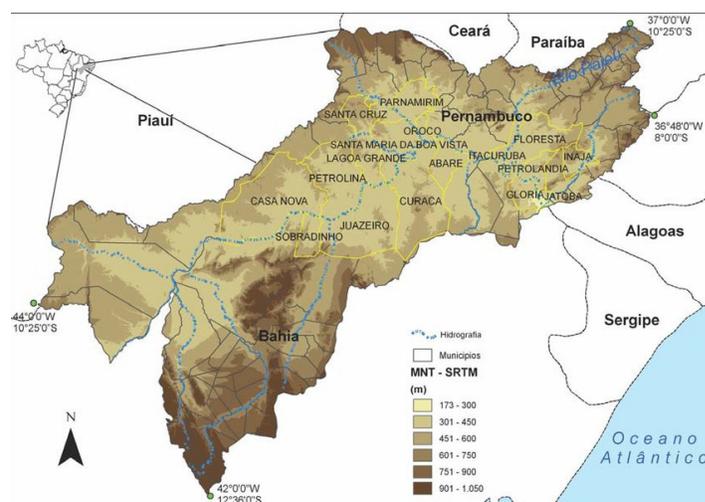
Além de ter uma das vitiviniculturas mais tecnificadas do mundo, o lugar possui um diferencial quando comparado às demais regiões brasileiras, uma vez que é detentor de uma alta capacidade de produção, de até 2,5 safras ao ano, significando que a produtividade dos vinhedos para vinhos tintos pode chegar a 70 toneladas/hectare anualmente (Pereira *et al.*, 2019).

Antes da década de 1940, o VRSF era utilizado principalmente para a pecuária extensiva com produção de gado e de animais de menor porte, como a caprinocultura, e para a agricultura de subsistência. A partir daquela década, teve início o Plano de Aproveitamento do Vale do São Francisco, coordenado pela Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), que anos depois se transformaria em Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf).

As ações visavam à regularização do curso do rio por meio de barragens, práticas de irrigação, geração de energia elétrica, delimitação de áreas industriais, colonização, exploração de minérios, construção de estradas e obras de saneamento (Araújo; Silva, 2013). Uma das ações iniciais consistiu na desapropriação de terras, pelo governo federal, para estruturação de zonas irrigadas na década de 1960.

A produção de vinho no VRSF começou nos anos 1980. As primeiras organizações tinham como foco o vinho de mesa. A partir dos anos 1990, a produção se amplia com a instalação de novas empresas na região. Dentre as vantagens competitivas da localidade destacam-se: água abundante e de boa qualidade; disponibilidade de terra; mão de obra oriunda da própria região; infraestrutura de irrigação implantada e em expansão; 300 dias de sol anuais, proporcionando mais ciclos produtivos (Barros, Costa & Sampaio, 2004).

Segundo Bonato (2020, p. 76), essa intensa produção gera algumas consequências negativas, pois “os patógenos e pragas não têm o seu ciclo quebrado, uma vez que sempre haverá plantas hospedeiras disponíveis para a sua existência e multiplicação. Essa rapidez nos ciclos também causa uma pressão para a evolução de novas pragas”.



Mapa 2. Mapa da região do Submédio São Francisco. Fonte: ResearchGate<sup>8</sup>.

O novo milênio foi um marco simbólico de um novo ciclo de produção no VRSF. Na primeira década foi fundada a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)<sup>9</sup>, criada em 2002, e a Escola do Vinho do Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia, do Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Também começam a acontecer na região as primeiras pesquisas *in loco*, feitas por especialistas em uva e vinho, favorecendo a inauguração do Centro Tecnológico em Uva e Vinho, em 2006, e construção do Laboratório de Enologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), também naquele ano.

Segundo Bonato (2020, p. 110), o VRSF é responsável por 15% da produção vinícola nacional<sup>10</sup>. Dos vinhos produzidos na região, 65% são espumantes (destes, 60% são de espumantes moscatéis<sup>11</sup> e 40% de bruts/secos e demi-secos/meio-seco), 24% são vinhos tintos (99% de tintos jovens e 1% de vinhos de guarda que passaram por barricas) e 1% corresponde aos vinhos brancos<sup>12</sup>. As principais uvas cultivadas são Syrah, Cabernet Sauvignon, Moscatel, Muscadell, Chardonnay, Sauvignon Blanc, Silvaner e Moscato Canelli. As vinícolas da região produzem aproximadamente 50 rótulos reconhecidos nacionalmente e internacionalmente<sup>13</sup> (Bonato, 2020, p. 110).

## 5. Enoturismo no Vale do Rio São Francisco

O enoturismo, também conhecido como turismo de vinhos, turismo enológico ou turismo vitivinícola, originou-se na Europa em meados de 1980. É um segmento da atividade turística que se baseia na viagem motivada pela apreciação da produção, do sabor, do aroma, das tradições e cultura das localidades que produzem vinho. Ou seja, é uma ramificação do turismo cultural que favorece o acúmulo de *capital sensorial*<sup>14</sup> à existência humana (Guimarães, 2020, p. 76; Guimarães, 2013, p. 51).

O projeto de apresentar o vinho como um atrativo cultural e turístico nasceu com a criação do Movimento de Turismo do Vinho, na Itália<sup>15</sup>. A associação disponibilizou para os turistas um roteiro de visita às vinícolas, chamado de “Cantina Aberta”. Durante os passeios, enoturistas são guiados por locais previamente estudados, descoberta de castelos, museus da cultura colonial e visitas aos vinhedos e às cantinas<sup>16</sup> para degustação de vinhos (Locks & Tonini, 2004).

No Brasil, as primeiras atividades enoturísticas foram iniciadas em meados dos anos 1980, no Vale dos Vinhedos, Rio Grande do Sul. Nessa época, a Casa Valduga, uma das pioneiras na atividade, começou a receber grupos para jantar entre as pipas. A ideia se desenvolveu e hoje a vinícola possui pousadas e restaurantes, espaços próprios para degustação e cursos, locais para que o turista participe da colheita, sempre envolvido com a tradição (Locks & Tonini, 2004).

Foi por volta do ano 2000 que os investimentos em enoturismo na região do VRSF se iniciaram. A festa bianual da Uva e do Vinho (mais tarde chamada Vinhuva Fest) foi criada em Lagoa Grande (PE) em 1999, como incentivo ao enoturismo, e incluída no calendário oficial do estado pernambucano em dezembro de 2015. Além da festividade, outras ações se seguiram, como a criação de um programa e um restaurante para receber turistas em Petrolina. Segundo Zanini (2007, p. 77), naquela época

iniciou-se uma estruturação das vinícolas, de início, na Fazenda Garziera, voltadas ao enoturismo. O passeio já contava com um roteiro planejado, iniciando com a exibição de um vídeo que mostra as potencialidades da região; na visita às videiras mostram-se todos os ciclos da planta ocorrendo na mesma época do ano: numa parte está sendo feita a poda; na outra a poda verde; na outra a videira está florescendo; na outra está a uva madura. E, por fim, é mostrada a elaboração do vinho. Os visitantes têm também a oportunidade de visualizar o Rio São Francisco a partir de uma estrutura destinada para esse fim e depois degustar os vinhos lá produzidos.

Em 2006, o enoturismo começou a consolidar os seus passos, porém ainda do lado pernambucano. Setores ligados ao turismo lançam pacotes turísticos, com duração de até três dias, denominado “Roteiro do Vinho do Vale do São Francisco”, mas nessa fase inicial a visita era focada apenas na vinícola Garziera (Zanini, 2007).

No ano de 2007, com a utilização de recursos federais, iniciou-se a construção da Enoteca Luigi Pérsico, com um acervo de cerca de 1.200 exemplares de vinhos nacionais (Zanini, 2007). Entretanto, o ponto turístico não se consolidou, sendo tópico nas agendas governamentais ao longo dos anos. Atualmente a reativação desse ponto turístico está em discussão nos gabinetes da prefeitura (Bonato, 2020, p. 125).

A porção baiana do VRSF começa se mobilizar em relação às atividades enoturísticas a partir de 2008, na vinícola Miolo. Em 2011, através de uma parceria entre a Bahiatursa e a Vinícola Ouro Verde (Miolo/Lovara), surgiu um excelente atrativo para a região: o roteiro “Vapor do Vinho”, atraindo cerca de 1.500 turistas por mês. O passeio associado às águas do Rio São Francisco é uma proposta diferenciada do convencional no âmbito do enoturismo – acostumado a ferrovias e rodovias –, possibilitando ao visitante subir a eclusa do Lago de Sobradinho, apreciar a beleza do Vale do São Francisco e visitar os parreirais e vinícolas para degustação e compra de vinhos de qualidade<sup>17</sup>.

No lado pernambucano, objetivando interiorizar o turismo do estado, em 2010 o governo apoiou a execução do Prodetur Nacional Pernambuco, através de um contrato firmado com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Entre as ações, estavam previstas obras de melhoria na infraestrutura, saneamento básico, sinalização turística e capacitação profissional.

É notório que a jovem atividade enoturística no VRSF tem grande potencial, mas ainda está em processo de consolidação<sup>18</sup> – portanto, necessitando superar alguns obstáculos para impulsionar ainda mais o seu crescimento. Dentre as barreiras a serem superadas destacamos: 1) deficiência com os sistemas de telecomunicação no VRSF (ao se afastar da cidade para se chegar a qualquer vinícola na região, não há sinal de telefone); 2) certo preconceito de alguns consumidores para com o vinho do Vale do Rio São Francisco, dada a sua jovem tradição na produção de vinhos. Porém, esta imagem está em processo de reversão, uma vez que o VRSF recebeu o registro de Indicação Geográfica (IG) em novembro de 2022<sup>19</sup>; 3) deficiência na segurança e no sistema de transportes da região, limitando o passeio apenas a algumas vinícolas; 4) ausência de parcerias mais efetivas junto às universidades locais, o que pode ajudar a dinamizar o enoturismo (o oferecimento de pós-graduação em Enoturismo pela Univasf seria uma estratégia com potencial para dinamizar ainda mais o setor<sup>20</sup>); 5) elevada carga tributária brasileira sobre o vinho nacional, elevando o valor do produto e diminuindo o consumo *per capita* brasileiro, refletindo também na atividade turística, que passa a ser percebida como elitizada.

Quanto à tributação, Crisóstomo e Sicsú (2009, p. 2.710) afirmam que “é de fundamental importância que o governo incentive a redução das alíquotas à cadeia vitivinícola do país, o que possibilitaria melhores condições na competitividade com relação aos vinhos dos países do Mercosul”.

O Brasil está entre os países do chamado Novo Mundo (há quem o classifique na categoria de *New New World*<sup>21</sup>) e recentemente entrou na rota de vinhos internacionais sendo reconhecido por sua qualidade. Em 2018, ocupou a décima quinta posição como produtor<sup>22</sup> de vinho, produzindo 3,4 milhões de hectolitros anualmente. No que tange ao consumo<sup>23</sup>, naquele ano o mercado brasileiro ocupou a 17ª posição entre os principais consumidores mundiais de vinho, totalizando 330 milhões de litros/ano<sup>24</sup> (OIV, 2018).

Ainda em 2018, a produção de uvas no Brasil atingiu a marca de 1.592.242 toneladas, sendo que o percentual de 31,52% foi produzido na Região Nordeste, que tem se destacado na produção de vinhos, batizados como *vinhos tropicais*<sup>25</sup>, com até 2,5 safras/ano.

No que tange aos investimentos em infraestrutura de turismo, Crisóstomo e Sicsú (2009, p. 2.710) apontam que, em nível estadual, “a região carece também de maior atenção, principalmente no que se refere às políticas de investimentos no Polo Petrolina-Juazeiro, desenvolvimento do enoturismo, entre outras ações pontuais”.

Apesar de todos os desafios, a atividade deve ser percebida como uma política pública em turismo que atende a função primária de combater a pobreza ao gerar riqueza para a região, ensejando, também, tornar as classes menos favorecidas participantes do turismo, conforme determina o Ministério do Turismo (MTur)

ao estabelecer que “as políticas públicas de turismo, incluindo a segmentação do turismo, têm como função primordial a redução da pobreza e a inclusão social” (Brasil, 2010, p. 07).

Destacamos que, mesmo com os desafios a serem transpostos no âmbito turístico, o enoturismo no VRSF é uma das poucas atividades turísticas desenvolvidas no interior brasileiro, cumpridor do papel de ser produto diversificado e interiorizado do turismo, contribuindo para o desenvolvimento regional conforme proposta do Ministério do Turismo:

é necessário o esforço coletivo para diversificar e interiorizar o turismo no Brasil, com o objetivo de promover o aumento do consumo dos produtos turísticos no mercado nacional e inseri-los no mercado internacional, contribuindo, efetivamente, para melhorar as condições de vida no País (Brasil, 2010, p. 07).

## 6. Considerações finais

Neste artigo destacou-se o potencial que a atividade enoturística possui no âmbito do turismo e os desafios a serem transpostos para o seu contínuo progresso. O enoturismo no VRSF é uma atividade com potencial agregador ao setor turístico do interior brasileiro. Ela gera diversificação dos produtos, contribui na interiorização do turismo e ajuda a promover o desenvolvimento regional através da redução da desigualdade social e da pobreza. Contudo, seriam necessárias maiores intervenções do poder público na criação de políticas públicas que incentivem o desenvolvimento estrutural da região, bem como a criação de ações que promovam a imagem do VRSF, impulsionando o aumento no volume de turistas, que integrarão aquela que é a maior atividade enoturística do Brasil voltada a vinhos tropicais.

A atual paisagem do Vale do Rio São Francisco é entusiasmante. Um autêntico cenário de progresso e poesia no sertão do Brasil. Alguns poemas tendo, literalmente, no vitivinicultor da região o seu poeta:

És forte, és caudaloso, tuas gotas viram pérolas, verdadeiros néctares para serem apreciadas em sofisticadas mesas nos quatro cantos do Brasil e do mundo. Transforma a inospicidade do teu solo quente e catingueiro em ensolarado sertão de magníficos vinhos. Que surpresas causas a quem conhece teu vale, boquiabertos ficam com a impressão que estão muito longe do Brasil. Que milagre, que transformação, o cinza vira verde, e que verde, é incrível de acreditar que está no ensolarado sertão do Brasil (Tributo ao Velho Chico, Figueiredo, 2011)<sup>26</sup>.

## NOTAS

<sup>1</sup> O desenvolvimento regional é uma resultante, sobretudo, do progresso no âmbito econômico e político, garantindo os direitos básicos dos habitantes em uma determinada região, tais como saúde, educação e lazer. Nesta direção, o turismo deve ser trabalhado visando promover o bem-estar social dos cidadãos situados em um dado espaço geográfico.

<sup>2</sup> Utilizamos esta palavra indicando a bagagem cultural que envolve o mundo dos vinhos, transmitida aos indivíduos, fazendo-os assimilar histórias, tradições, geografias, vocabulário e técnicas de produção.

<sup>3</sup> A videira, também chamada vinha ou parreira, é um arbusto de longa vida, em média de 25 a 30 anos (algumas chegam a 100 anos).

<sup>4</sup> Entre 1870 e 1920, as uvas utilizadas para a produção de vinho, em sua grande maioria, eram as americanas. A partir de 1920, a uva Itália começa a ganhar expressão.

<sup>5</sup> Até 2018, a legislação brasileira do vinho só conceituava como vinhos aqueles com graduação alcoólica de 7% até 14% (até 8,6% é considerado vinho leve). Os vinhos finos devem ser produzidos exclusivamente com uvas *Vitis vinifera* e conter teor alcoólico entre 8,6% e 14%. Com a Instrução Normativa nº 14, de 2018, Art. 34, ampliou-se a classificação, denominando vinhos nobres, aqueles elaborados no território nacional exclusivamente a partir de uvas da espécie *Vitis vinifera* que apresentem teor alcoólico de 14,1% a 16%.

<sup>6</sup> Designação para as áreas geográficas tidas como detentoras de condições ideais para a atividade de viticultura de qualidade. É também aqui que se encontram 95% das áreas vitícolas mais importantes. Elas estão localizadas entre as latitudes 40° e 50° ao Norte e latitudes 30° e 40° ao Sul.

<sup>7</sup> No VRSF, a colheita de uvas é de grande facilidade em todo o ano, proporcionando incontáveis benefícios para o agricultor. Uma vantagem é a possibilidade de escalonamento da produção, não sendo necessário uma estrutura física de grande porte para absorver e vinificar todas as uvas colhidas. Outra vantagem é que compete ao agricultor criar sua própria agenda de produção (Pereira *et al.*, 2019).

<sup>8</sup> Disponível em [https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-da-regiao-do-Submedio-Sao-Francisco-abrangida-no-estudo\\_fig1\\_299479480](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-da-regiao-do-Submedio-Sao-Francisco-abrangida-no-estudo_fig1_299479480).

<sup>9</sup> A instituição, instalada no Semiárido nordestino, foi a primeira universidade brasileira voltada para o desenvolvimento regional (Brandão, 2012).

<sup>10</sup> Estima-se que a produção de vinho no VRSF movimenta entre R\$ 600 milhões a R\$ 1 bilhão anualmente, gerando cerca de 30 mil empregos diretos e indiretos. As vinícolas responsáveis por este faturamento são: Botticelli, Bianchetti, Mandacaru, Terroir do São Francisco, Rio Sol, Quintas São Braz, Terra Nova, Vinum Sancti Benedictus (VSB).

<sup>11</sup> Produto de maior destaque na produção vinícola do VRSF.

<sup>12</sup> Características do terroir e das uvas estão sendo trabalhadas. A jovialidade, a leveza, a localidade geográfica e a cultura local são motivos para a definição de nomes e linhas de produto. A origem dos pioneiros também é enaltecida. Os rótulos encontrados no mercado ilustram a ênfase dada à relação com a região de produção e seus produtores, a exemplo dos vinhos Terranova, Paralelo 8, Rio Sol, Carrancas, Botticelli, Bianchetti (Leão *et al.*, 2013).

<sup>13</sup> Estes resultados também se devem à estratégia de cooperação competitiva através da Vinhovasf, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público criada em 2003, que entre seus objetivos visa criar condições para dar notoriedade ao vinho produzido na região. Outra entidade de peso é a Valexport, que tem atuado na modernização do setor. Destacamos que em 2022 o vinho do VRSF passou a ter o registro de Indicação Geográfica (IG) na modalidade Indicação de Procedência (IP), para vinhos finos, nobres, espumantes naturais e moscatéis espumantes, conquista que ajudará a impulsionar o Enoturismo.

<sup>14</sup> Vantagem intelectual que os turistas, excursionistas e pesquisadores que visitam in loco qualquer bem cultural possuem em relação àqueles que conhecem o mesmo bem apenas através de memórias artificiais. Ou seja, são os benefícios que o contato com a realidade agrega ao introduzir cheiro, tato, paladar, percepção visual e auditiva mais ampla às lembranças individuais (Guimarães, 2013, p. 51).

<sup>15</sup> O dia mundial do vinho é comemorado no último domingo de maio.

<sup>16</sup> Cantina é palavra de origem italiana sinônima de adega.

<sup>17</sup> O Rio Sol, produzido pela Vitivinícola Santa Maria no VRSF, foi eleito o melhor vinho brasileiro de 2004 no 2º Concurso Internacional de Vinhos, realizado em Bento Gonçalves, e o melhor vinho brasileiro de 2006 pela revista Gula. Foi o primeiro vinho brasileiro a receber 83 pontos na Wine Spectator (a lista anual dos 100 melhores do mundo feita pela revista inclui vinhos com 90 a 100 pontos). A estrela atual da vinícola é o super premium Paralelo 8, vinho mais caro do Vale do São Francisco.

<sup>18</sup> Sobre o fomento ao enoturismo, existem empresas estaduais e secretarias municipais que atuam ao lado do Sebrae, buscando organizar o roteiro enoturístico da região, bem como elevar a imagem do vinho produzido no VRSF.

<sup>19</sup> A Indicação Geográfica (IG) é um registro que atesta originalidade. Ele é conferido aos produtos ou serviços que são característicos do seu local de origem, o que lhes atribui reputação, valor intrínseco e identidade própria, diferenciando-os em relação aos similares existentes no mercado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>20</sup> No âmbito acadêmico, poucas pesquisas foram realizadas tendo como objeto a produção vitivinícola e ecoturismo no VRSF. Segundo Brandão (2012, p. 147), “quanto à pesquisa agrícola, objeto central deste Sistema de Inovação, espera-se que uma atuação mais ativa da Univasf possa suprir as expectativas criadas quando de sua implantação da região, não apenas com atividades de ensino e extensão, mas na produção de pesquisa científica, voltando-se para o atendimento das demandas deste ‘sistema’ e da sociedade regional”.
- <sup>21</sup> Uma referência aos países Brasil, China, Índia, norte da África, Bulgária, Geórgia, Hungria, Ucrânia.
- <sup>22</sup> Estima-se haver no Brasil 1,1 mil vinícolas, sendo 90% de micro e pequenas empresas, o que caracteriza uma produção agrícola familiar, envolvendo cerca de 200 mil pessoas. Os principais países compradores dos produtos nacionais são o Paraguai, Estados Unidos, Singapura, Colômbia e Reino Unido.
- <sup>23</sup> O consumo da bebida é considerado baixo no Brasil, oscila entre 2 e 3 litros anualmente per capita.
- <sup>24</sup> Em 2017, os principais fornecedores para o Brasil foram países da América Latina responsáveis por 56% dos vinhos, seguidos da União Europeia, responsável por 41%. Destaque para o Chile, responsável por 39% das importações.
- <sup>25</sup> O vinho do VRSF foi o primeiro do mundo a obter o registro de IG para vinhos tropicais.
- <sup>26</sup> Proprietário da Vinum Sancti Benedictus (VSB).
- Anuário vinhos do Brasil. (2014). [S.l.]: Baco Multimídia.
- Araújo, G. J. F. de, & Silva, M. M. da. (2013). Crescimento econômico no semiárido brasileiro: o caso do polo frutícola Petrolina/Juazeiro. *Caminhos da Geografia*, 14(46), 246-264.
- Bonato, I. T. (2020). *Análise histórico-comparada do desenvolvimento do mercado de vinho em três regiões produtoras no Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38307>.
- Barros, E. D. S., Costa, E. de F., & Sampaio, Y. (2004). Análise de eficiência das empresas agrícolas do Polo Petrolina/Juazeiro utilizando a Fronteira Paramétrica Translog. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 42(4), 597-614.
- Brandão, J. M. (2012). *Sistema Regional de Inovação do Vale do Submédio São Francisco: o caso da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF*. [s.l.] Instituto Nacional da Propriedade Industrial.
- Brasil. Ministério do Turismo. (2010). *Turismo Cultural: orientações básicas* (3ª Ed.). Brasília: Ministério do Turismo. Recuperado de [http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf).
- Brasil. (2007). Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo. *Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade*. Brasília.
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (1983). *Metodologia científica: para uso de estudantes universitários* (3ª Ed.). São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Crisóstomo, A. P., & Sicsú, A. B. (2009). Inovação tecnológica competitiva no Semiárido do Vale do São Francisco: um estudo das empresas vinícolas. Anais do 1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde. Cabo Verde. Recuperado de <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2027/131A.pdf>.
- Farias, C. V. (2016). *O papel das instituições na formação e transformação da vitivinicultura da Serra Gaúcha: possibilidades de interpretações do desenvolvimento rural pela nova economia institucional*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/149314>.
- Figueiredo, J., & Carvalho, M. (2011). *Ensolarado sertão, magníficos vinhos*. Petrolina: Franciscana.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

Guimarães, F. G. (2020). *Dicionário Acadêmico do Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Digital Publish & Print.

Guimarães, F. G. (2013). *Arqueologia da Religião: um convite*. São Paulo, Digital Publish.

Johnson, H. (1989). *The Story of Wine*. Londres: Mitchell-Beazley.

Leão, A. L. M. de S., Gaião, B. F., Souza, I. L., & Carvalho, M. S. (2013). O habitus de uma rede em expansão: as disposições do arranjo vitivinícola do Vale do São Francisco. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 15(46), 39-55.

Locks, E. B. D., & Tonini, H. (2004). Enoturismo: o vinho como produto turístico. Construções Teóricas no Campo do Turismo. Anais do II Seminário em Pesquisa em Turismo do Mercosul. Recuperado de <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/22-enoturismo.pdf>.

McGovern, P., Jalabadze, M., Batiuk, S., & Callahan, M. (2017). *Early Neolithic wine of Georgia in the South Caucasus*. Proceedings of the National Academy of Sciences. Recuperado de <https://www.pnas.org/content/114/48/E10309>.

International Organisation of Vine and Wine. OIV. (2018). Databases and statistics. [s.n.] Recuperado de <https://www.oiv.int/en/statistiques/>.

Ortega, A. C. & Jeziorny, D. L. (2011). *Vinho e território: a experiência do Vale dos Vinhedos*. [s.l.]: Alínea Editora.

Pereira, G. E. (2013). Os vinhos tropicais em desenvolvimento no Nordeste do Brasil. *Com Ciência*, 149, 1-5. Recuperado de <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/95151/1/PEREIRA-ComCiencia-n149-2013.pdf>.

Elias Pereira, G., Crivellaro Guerra, C., Macedo de Amorim, F., Mendes de Souza Nascimento, A., Fagundes de Souza, J., Leite de Andrade Lima, L., Santos Lima, M. dos, Silva Padilha, C.V. da, Silva Protas, J. F. da, Zanús, M. C., & Tonietto, J. (2019). Vinhos tropicais do Semiárido do Brasil: desvendando o potencial vitivinícola desta nova fronteira geográfica do vinho. *Territoires du Vin*, 9, 1-13.

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Torre, G. M., Ferreira, A. M., & López-Guzmán, T. O. (2008). Enoturismo: nova alternativa ao turismo tradicional – um estudo de caso. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 10, 85-95. Recuperado de <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/13569/9097>.

Zanini, T. V. (2007). *Enoturismo no Brasil: um estudo comparativo entre as regiões vinícolas do Vale dos Vinhedos (RS) e do Vale do São Francisco (BA/PE)*. Dissertação de mestrado, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/322?show=full>.